

JOVENS INFRATORES E A CONVIVÊNCIA COM DROGAS NO AMBIENTE FAMILIAR
YOUNG OFFENDERS AND COEXISTENCE WITH DRUGS IN THE FAMILY ENVIRONMENT
JÓVENES INFRACTORES Y EL CONVIVIO CON DROGAS EN EL AMBIENTE FAMILIAR

Catia Campaner Ferrari Bernardy¹, Magda Lúcia Félix de Oliveira², Luzia Marta Bellini³

Objetivou-se investigar o consumo de drogas dentro da família de jovens institucionalizados e discutir o papel da família como indutora do uso de drogas pelos jovens. Estudo descritivo e transversal, desenvolvido nos municípios de Rolândia e Cambé-Paraná, no Centro de Recuperação Vida Nova, com 11 jovens institucionalizados e seus responsáveis, em março/2007. Como fonte de dados utilizou-se os prontuários institucionais. E como instrumento de coleta dois formulários para entrevista, um aplicado ao jovem e outro a um familiar responsável. A análise foi feita seguindo a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin. Foram estudadas onze famílias, constatando-se o envolvimento de outros membros com droga incluindo pai, tios e primos. A atitude das famílias mediante o uso de drogas pelo jovem foi repressiva, de aconselhamento e indiferença. As famílias apresentaram vários eventos desfavoráveis no ambiente familiar. Os achados empíricos parecem indicar uma cultura familiar favorável ao uso de drogas.

Descritores: Adolescente; Droga Ilícita; Família; Cultura.

The objective of this research was to investigate drug use within the family of young institutionalized and discuss the role of family as an inducer of drug use by young people. It was a descriptive and transversal study, conducted in the municipalities of Rolândia Cambé — Paraná, the New Life Recovery Center, with 11 institutionalized youngsters and their parents in March 2007. As data source institutional records were used. And as instrument of interview two forms were applied: one to the young and another to the family guardian. The analysis was made following the technique of content analysis proposed by Bardin. Eleven families were studied, confirming the involvement of other members with drugs including the father, uncles and cousins. The attitude of families towards drug use by youth was either repressive or of advice or indifference. Several adverse events were noticed in the family environment. The empirical findings seem to indicate a family culture favorable to drug use.

Descriptors: Adolescent; Illicit Drugs; Family; Culture.

Se investigó el consumo de drogas dentro de la familia de jóvenes institucionalizados y discutir el papel familiar como inductora del uso de drogas por los jóvenes. Estudio descriptivo, transversal, desarrollado en los municipios de Rolândia y Cambé-Paraná, en el Centro de Recuperación Vida Nova, con once jóvenes institucionalizados y sus responsables, en marzo/ 2007. La fuente de datos fue los históricos institucionales. El instrumento de colecta dos formularios para entrevista, uno aplicado al joven y otro a un familiar responsable. El análisis siguió la técnica de análisis de contenido propuesta por Bardin. Fueron estudiadas once familias, constatando el involucramiento de otros miembros con drogas: padre, tíos, primos. La actitud de las familias mediante el uso de drogas por el joven fue represiva, asesoramiento/ indiferencia. Las familias presentaron varios eventos desfavorables en el ambiente familiar. Los hallazgos empíricos parecen indicar una cultura familiar favorable al uso de drogas.

Descriptorios: Adolescente; Droga Ilícita; Familia; Cultura.

¹ Mestre em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Docente da Disciplina Saúde da Mulher, Departamento de Enfermagem, Londrina-PR, Brasil, Rua Nicolaus Kempf 182, Rolândia, CEP: 866000-000, Paraná. E-mail: ccfbernardy@bol.com.br

² Doutora em Enfermagem, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Docente do Departamento de Enfermagem, Maringá-PR, Brasil. E-mail: micoleao@wnet.com.br

³ Doutora em Psicologia Social, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Docente do Departamento de Fundamentos da Educação, Maringá-PR, Brasil. E-mail: bellini@wnet.com.br

Autor correspondente: Catia Campaner Ferrari Bernardy

Rua Nicolaus Kempf 182, Rolândia, CEP: 866000-000. Paraná. Brasil. E-mail: ccfbernardy@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O consumo de drogas, compreendido como uso e/ou abuso de substâncias psicoativas, é um problema social e de saúde. As representações sociais que levam à adesão ou à condenação dependem do contexto socio-cultural, mas os significados atribuídos ao uso de drogas também diferem de grupo para grupo dentro de uma mesma cultura, incluindo as famílias⁽¹⁻²⁾.

Alguns fatores de risco ao uso de drogas têm sido descritos na literatura, incluindo a falta de integração às atividades escolares, a desestrutura familiar, a violência doméstica, a pressão de grupo e o uso de drogas pelos pais⁽³⁻⁷⁾.

Em relação ao papel da família e dos pais, em particular, como fator de risco para a iniciação ao uso de drogas, sabe-se que o ambiente familiar exerce notável influência para que o jovem tenha uma vida normal, uma vez que o diálogo com os pais é de fundamental importância para que o filho tenha um comportamento esperado socialmente em casa, na escola, e no trabalho⁽⁴⁻⁶⁾.

Por meio da família, os membros interagem entre si, um influenciando o outro e assimilam a concepção de sociedade e cultura; aprendem condutas e hábitos e elaboram uma forma de enfrentar qualquer situação⁽⁷⁻⁸⁾, considera-se que algumas famílias são mais capazes de encontrar alternativas para soluções dos conflitos, conseguindo reduzir os efeitos destrutivos trazidos pela vida⁽⁹⁾.

A atitude e comportamento dos pais e irmãos são modelos importantes, incluindo o uso de drogas⁽⁶⁾. A família, pelo papel de inserir seus membros na cultura e ser instituidora das relações primárias, influencia a forma como o jovem reage à ampla oferta de drogas na sociedade.

Os valores familiares estão relacionados com os seus princípios e práticas e acompanham as mudanças do modelo de referência familiar; ao longo de sua história. As transformações na dinâmica familiar, que vêm ocorrendo de forma mais intensa desde a década de 1960, imprimem maior flexibilização e relativismo às práticas educativas⁽¹⁰⁾.

Conviver em uma família que possui um dependente de drogas ilícitas é um desafio para as crianças e jovens, pois esta realidade pode desenvolver competências para lidar com situações estressantes e soluções de problemas ou impedir o seu desenvolvimento saudável⁽¹¹⁾.

Diante das referências apresentadas e da experiência profissional das autoras, é possível dizer que a uti-

lização de algumas drogas denominadas lícitas, como o álcool e o tabaco, são aceitas socialmente e permitidas legalmente. No entanto, a prática do uso destas drogas pode facilitar o consumo de drogas ilícitas, como a maconha e o *crack*, e que nestes casos requer atenção sistematizada, pois ocasiona várias intercorrências indesejáveis, principalmente crises familiares, violência e internações hospitalares. Foi observando esta realidade em algumas famílias, que a presente pesquisa tornou-se resultado da busca pela aprendizagem sobre a temática, tendo como objeto de estudo a cultura das drogas no ambiente familiar, e desta forma contribuir com dados para a literatura pertinente.

As autoras acreditam que os jovens que possuem limitações em responder positivamente às situações difíceis de sua vida, terão dificuldades em “negar” as drogas. Por outro lado, se questionam: como a aceitação e o consumo de algumas drogas, como o álcool e a maconha, no ambiente familiar, influenciam o jovem?

Contudo, o presente estudo tem por objetivo investigar o consumo de drogas dentro da família de jovens institucionalizados e discutir o papel da família como indutora do uso de drogas pelos jovens.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, com delineamento de série de casos, realizado em duas unidades de semiliberdade para tratamento e ressocialização de dependentes de drogas ilícitas, do Centro de Recuperação Vida Nova (Cervin), situadas nos municípios de Rolândia e Cambé — Paraná.

O Cervin é classificado como unidade de semiliberdade, pois o jovem é afastado do convívio familiar e da comunidade, mas permanece com o direito de deslocamento. Um dos princípios da entidade é a liberdade de escolha quanto a adesão ao tratamento.

Os sujeitos do estudo foram 22 pessoas, de ambos os sexos, sendo 11 jovens infratores com idade entre 12 e 18 anos, que estavam institucionalizados nas unidades do Cervin, em março de 2007, e seus respectivos responsáveis, constando 11 famílias. Ou seja, para cada jovem foi escolhido também um familiar.

Como fonte documental utilizou-se os prontuários institucionais e como instrumento de coleta lançou-se mão de dois roteiros para entrevista, um aplicado ao jovem e outro ao familiar.

Os roteiros para entrevista eram semiestruturados e divididos em três fases: (1) caracterização do jovem, abordando sua identificação, características sociais, uso de drogas, características da família e de sua internação, história médica e problemas com a justiça; (2) caracterização socioeconômica e demográfica da família, incluindo envolvimento de familiar em atos infracionais, tipo de lazer; e (3) a iniciação do jovem ao uso de drogas e as relações familiares, como relacionamento do jovem com seu responsável na infância, agressão física na família, comunicação familiar, uso de drogas na família, comportamento da família frente ao uso de drogas e os fatores que o levaram ao uso de drogas. O formulário aplicado ao familiar diferia do roteiro aplicado ao jovem apenas na primeira fase.

Para produção dos dados empíricos foram utilizados dois momentos de coleta de dados. No primeiro momento foram acessados os prontuários, cujos dados foram compilados em uma planilha de coleta de dados, usados na caracterização do jovem, e, na mesma data, foi realizada entrevista individual com o jovem, em sala reservada nas dependências do Cervin, com a finalidade de manter a privacidade e preservar o sigilo dos dados.

No segundo momento, aconteceram as entrevistas com um familiar dos jovens, preferencialmente a mãe. As entrevistas ocorreram aos domingos, durante a visita familiar ao jovem institucionalizado, denominado “domingão”.

Os dados obtidos pela entrevista com o jovem e seu familiar foram descritos e categorizados, seguindo a técnica da análise temática de conteúdo e comparados entre si⁽¹²⁾. Esta técnica interpreta os dados, chegando a significados manifestos do material qualitativo. Este tipo de análise pode abranger as fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos.

Na fase da pré-análise, organiza-se o material a ser analisado com o objetivo de sistematizar as idéias. A exploração do material consiste, basicamente, na operação de codificação; neste momento realiza-se a definição das categorias que nortearão a especificação do tema proposto. No tratamento dos dados os resultados brutos são submetidos a operações estatísticas simples (percentagem) ou complexas (análise fatorial) que permitem por em evidência as informações obtidas.

O projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos — COPEP, da Universidade Estadual de Maringá (parecer nº 043/2007). Todas (os) as (os) participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e para

identificar os sujeitos utilizou-se a nomenclatura jovem e familiar, abreviados respectivamente pela letra J e F e enumerando-os de um a onze (por exemplo: J1 e F1), mantendo assim o anonimato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos Sujeitos

Participaram do estudo 11 jovens, apenas um do sexo feminino, a idade variou entre 12 e 18 anos, os quais foram encaminhados para institucionalização por ordem judicial. Apenas quatro jovens foram enviados pelo Conselho Tutelar, a pedido da família.

A droga ilícita utilizada, inicialmente, pela maioria dos jovens foi a maconha, sendo substituída pelo *crack*. A droga era consumida em pares ou em grupos, comprada pessoalmente e financiada, principalmente, pelo roubo em vias públicas, residências e pela própria família. Todos afirmaram consumir a droga nas ruas, porém, dois jovens também a consumiam em casa.

Apenas quatro jovens conviviam em família nuclear, outros quatro foram filhos de mães adolescentes e um único jovem perdeu sua mãe, por falecimento, na infância. Sete dos familiares entrevistados eram mães dos jovens. A idade dos responsáveis variou entre 31 e 65 anos, sendo que grande parte tinha menos de 50 anos, vários casamentos e baixa escolaridade. As famílias eram numerosas, com dificuldades de dedicar atenção aos seus membros e a convivência de filhos de pais diferentes. Apenas um familiar entrevistado exercia atividade formal no mercado de trabalho.

Todas as famílias utilizavam serviços do Sistema Único de Saúde, pois a renda familiar variava de um e meio a sete salários mínimos, sendo que a maioria ganhava menos de dois salários mínimos mensais. Grande parte das famílias afirmou possuir algum tipo de lazer familiar, caracterizado por almoço aos domingos, e somente uma família não tinha uma religião definida.

A Presença de Drogas Ilícitas na Família como Indutora ao Uso de Drogas pelos Jovens

Vivenciando a presença de drogas na família

Seguindo a metodologia do estudo, as respostas do jovem e seu responsável foram comparadas e, por meio

do Quadro 1, é possível observar a presença das drogas no ambiente familiar.

Em dez famílias havia envolvimento de outro membro, além do jovem, com drogas de abuso e, em seis famílias, outro membro já se envolvera em atos infracionais.

Quadro 1 — Demonstrativo do uso de drogas na família do jovem com base nas respostas dos entrevistados. Rolândia e Cambé, 2007

Identificação	Resposta do Jovem	Resposta do Familiar
01	Pai e avô alcoólatra/irmão e primos usuários de droga	Pai e mãe alcoólatra
02	Irmão usuário de droga	Mãe alcoólatra
03	Pai alcoólatra	Pai alcoólatra
04	Mãe usuária na adolescência/ primos usuários de drogas	Tio e padrasto usuários de droga
05	Primos usuários de droga	Primos usuários de droga
06	Tio usuário de drogas	Tio usuário de droga
07	Nenhum	Nenhum
08	Pai e tios usuários de droga	Pai e tios usuários de drogas
09	Irmão e primo usuários de droga	Irmão alcoólatra
10	Tio e irmão usuários de droga	Nenhum
11	Irmão usuário de droga	Tio usuário de droga

Apenas a (F7) afirmou nenhum envolvimento com drogas ilícitas. O (F10), que também afirmou não haver uso de drogas na família, ocultou a existência de um filho de um relacionamento anterior do pai, que era usuário de drogas. O (J10), apontou a influência do irmão paterno e do tio no início ao uso de drogas. (Quadro 1)

A omissão de dados pelo familiar pode estar relacionada à preocupação em ocultar as relações familiares conflituosas, pois durante as entrevistas grande parte dos familiares tentava transmitir a imagem de “família harmoniosa”, com a intenção de não assumirem responsabilidades pela atual situação dos jovens.

Nas dez famílias com relato de convivência do jovem com usuários de droga de abuso no âmbito familiar, as figuras mais envolvidas foram o pai, os tios e os primos, contudo houve a citação de mães em três famílias, percebidas nos seguintes depoimentos: *Meu irmão está preso por uso de drogas, tráfico e assassinato* (J1). *Minha mãe foi numa balada, ela usava droga nessa época, teve relação sexual com um cara e eu nasci* (J4). *Uma vez tinha R\$ 97,00, dei R\$ 20,00 para meu primo e nós fomos à favela, ele comprou 2 pedras. ... vol-*

tamos na casa dele, aí eu experimentei, gostei, pegamos o carro e voltamos na favela para comprar o resto do dinheiro (J5).

Nas famílias 5 e 6, primos e tios, que não convivia no núcleo familiar, foram apontados como usuários de drogas e iniciadores dos jovens ao uso. O (J5) e seu familiar relataram o uso de drogas ilícitas por alguns primos e o jovem afirma sua iniciação às drogas em companhia de um deles.

O (J8) e seu familiar afirmaram o uso de drogas pelo pai e tios. Este jovem é filho de pais separados e ausentes, e está sob a guarda provisória da avó. *Meu pai usava droga e meu tio* (J8). *O pai dele e dois tios usavam droga. O pai dele está sumido e os tios estão presos* (F8).

Observou-se que o uso de drogas pelos familiares dos jovens prejudicou o investimento que une os jovens à família, houve nestas famílias o empobrecimento das relações intrafamiliares.

Atualmente as relações familiares constituem um dos fatores relevantes a serem considerados na etiologia do uso de drogas ilícitas, mas, de forma combinada com outros. Estudos realizados na década passada já apontavam que não há uma relação linear entre o abuso de drogas dos pais e de seus filhos e sugerem que os padrões de comportamento dos pais e as relações intrafamiliares e não só o fato do uso da droga ilícita, são, também, responsáveis pelas atitudes dos filhos. A droga teria um potencial destrutivo no funcionamento familiar e essa disfunção desempenharia um papel indutor na transmissão de comportamentos entre as gerações⁽¹³⁾.

Para este autor, o que está em questão é a relação que a pessoa estabelece com a droga, que, também, influencia e é influenciada pelo universo de interações na sociedade e na família. Embora o consumo de drogas pelos pais esteja relacionado ao maior risco de os filhos se tornarem usuários, uma vez que o comportamento parental lhes serve de modelo, a atitude permissiva dos genitores tem papel mais relevante nesta relação⁽¹³⁾.

No presente estudo observou-se, também, a ausência de compartilhamento de decisões, a violência intrafamiliar física, sinais de negligência e de abandono, como a falta da mãe no ambiente familiar, corroborando os estudos já citados. Alguns discursos demonstram esta realidade: *Minha mãe nunca cuidou dos filhos dela, deu todos embora para os pais levarem* (J1). *Acho que quem tem uma mãe por perto, não se envolve com droga, ela está sempre por perto dando carinho, se preocupando* (J2). *Meu pai bebia, nunca conversou e nem falava nada* (J3). *Eu não sei porque só eu fui mo-*

rar com meu pai. Fui ver meu irmão uma vez só ... minha família nunca falou nada para mim (do passado), eu não sei de nada (J7). A mãe dele não quer ele de jeito nenhum. E eu já falei para ela: agora que ela deixou ele virar o que virou ela quer que eu cuide (F8). A psicóloga falou para mim que eu tenho que liberar o perdão para o meu pai, mas não sei se um dia eu consigo ... meu pai batia na gente sem estar bêbado, batia porque tinha raiva da gente (J9). Quando eu tinha uns sete anos peguei R\$17,00 do meu pai para comprar droga, ele bateu até me desmaiar. Então, expulsou eu e meu irmão na rua (J9).

As drogas e a violência no ambiente familiar refletem em situações de estresse e circunstâncias de risco que, em muitas vezes, extrapola o âmbito da vivência familiar atingindo também a comunidade em que esta família está inserida⁽¹⁴⁾.

Comportamento familiar frente ao uso de drogas

A atitude das famílias ao saberem do uso de drogas pelo jovem foi classificada em aconselhamento, repressão e indiferença, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 — Demonstrativo do comportamento da família diante do uso de droga pelo jovem. Rolândia e Cambé, 2007

Identificação	Resposta do Jovem	Resposta do Familiar
01	Pai aconselhou	Mãe reprimiu
02	Pai não falou nada	Pai reprimiu
03	Mãe dava conselho	Mãe dava conselho
04	Mãe dava conselho	Mãe dava conselho
05	Pais reprimiram	Pais reprimiram
06	Mãe solicitou ajuda do Conselho Tutelar	Mãe solicitou ajuda do Conselho Tutelar
07	Pai dava conselho	Pai não falava nada
08	Mãe dava conselho	A mãe comprava droga, se não ele batia nela
09	Repressão	Repressão
10	Pai e mãe não falavam nada	Mãe dava conselho
11	Mãe não falou nada, foi no Conselho Tutelar	Mãe não falou nada, pediu ajuda ao Conselho Tutelar

As atitudes repressivas, como agressão física ou encaminhamento imediato ao Conselho Tutelar; estiveram presentes no relato de apenas quatro jovens e seis familiares. No entanto, considerando que o abuso físico

no ambiente familiar foi informado por todos os jovens e familiares entrevistados, esta seria uma atitude esperada na maioria delas.

O aconselhamento, verificado como diálogo entre familiares e jovens, foi citado por cinco jovens e três familiares, que, anteriormente ao responder outra questão do roteiro de entrevista, informaram a ausência de compartilhamento de decisões e diálogo entre os familiares.

A indiferença frente ao uso abusivo de drogas foi relatada por dois jovens e um familiar, esta atitude, no entanto, pode revelar a impotência das famílias diante do uso de drogas e a desorientação quanto a abordagem do problema.

Comparando as respostas dos entrevistados, seis jovens e familiares responderam de forma semelhante: dois jovens afirmaram que a mãe dava conselhos; dois jovens relataram a repressão pelos pais; e dois afirmaram que a mãe solicitou ajuda ao Conselho Tutelar para encaminhamento ao Cervin. A seguir, trechos dos discursos: *Meu pai não falou nada, minha mãe dava conselho, mas não adiantou* (J3). *Eu falava para ele que não precisava disso, que eu até passei fome e ele tinha as coisas, mas não adiantava* (F3). *Quando descobriram ficaram na minha cola!* (J5). *O pai deu duas surras enquanto tinha dúvida, depois que teve certeza viu que o jeito era ajudar* (F5). *Quando fiquei sabendo que ela estava usando droga, tive uma crise nervosa. Aí eu fui no Conselho Tutelar, eles foram em casa, conversaram com ela e me ajudaram a encaminhar ela para cá* (F11). *A gota d'água foi quando vendi meu violão, roubei dinheiro da carteira do meu pai e vendi o resto das minhas roupas. Minha mãe me levou no Conselho Tutelar e pediu a vaga para o CERVIN* (J6).

Entre as respostas divergentes dois jovens (J1 e J7) afirmaram receber conselhos dos familiares, no entanto, um familiar (F1) afirmou ter atitude repressiva ao saber do envolvimento do jovem com as drogas e outro (F7) afirmou não ter falado nada: *Meu pai deu conselho dizendo que isso não era bom, mas o que adianta!* (J1). *A gente sempre reprime, mas não resolve* (F1). *Meu pai dava conselho mas não adiantava nada. Não adianta falar* (J7). *Vai fazer o que? Não adianta nada* (F7).

Na família 8 encontrou-se sinais de grande crise familiar e de inversão de papéis familiares. O jovem afirmou que sua mãe o aconselhou ao saber do uso de drogas. No entanto, seu familiar entrevistado relata o relacionamento do jovem com a mãe em brigas e discussões frequentes, progredindo à desordem familiar, conforme discursos: *Quando minha mãe ficou sabendo, ela falou umas*

coisas, mas não adiantou nada (J8). A mãe comprava droga, se não ela apanhava dele (F8).

Dois jovens (J2 e J10), afirmaram a indiferença da família. No entanto, foram contrapostos pela resposta de seus familiares. Um dos familiares (F10) afirmou dar conselhos ao jovem e outro (F2) assumiu ter atitudes repressivas. Este pai, que afirmou ser repressivo, também relata sua impotência diante do uso de drogas pelo filho e o desespero de vê-lo nesta situação.

Estudo sobre fatores que determinaram o uso de drogas ilícitas por jovens em situação de risco encontrou que o pai de usuário mostrou-se permissivo e indiferente ao uso de drogas lícitas pelo filho, e que a mãe é a figura com atitudes consideradas mais repressoras, reprovando o consumo de drogas pelos filhos. Porém a maioria dos jovens relatou o abuso no lar como influência motivadora ao uso, despertando-lhes curiosidade e admiração pelo ato⁽¹⁵⁾.

O álcool é culturalmente utilizado em festas familiares e tem o significado de receber bem as pessoas. Esta droga, mesmo sendo considerada lícita, faz parte de momentos especiais da vida das pessoas e os jovens têm acesso facilitado a esta substância o que dificulta o seu desenvolvimento saudável⁽²⁾.

Em estudo com familiares de dependentes de drogas ilícitas, observou-se algumas atitudes dos responsáveis pelo jovem no momento em que souberam do uso da droga. Entre elas chama a atenção o fato de que: 40,54% dos responsáveis conversaram com o jovem; em 21,62% dos casos os responsáveis choraram e 8,11% expulsaram o jovem de casa; 5,41% não disseram nada; 4,05% agrediram o jovem fisicamente e na mesma proporção tomaram outras atitudes não especificadas⁽¹⁶⁾.

Por outro lado, os jovens combinaram as atitudes de aconselhamento e indiferença em sete respostas, podendo significar para eles uma atitude positiva ou compreensiva da família com relação ao uso de drogas, reforçando a iniciação dos jovens.

O motivo da institucionalização no Cervin foi relatado, na maioria das famílias, como continuidade do estado de privação de liberdade dos jovens. Nos registros dos prontuários institucionais dois jovens haviam sido encaminhados pelo Conselho Tutelar, enquanto nas entrevistas com os familiares este fato foi relatado por quatro deles.

A institucionalização dos jovens foi relatada de forma semelhante por sete famílias. Nestes relatos ape-

nas um dos entrevistados (J11) foi encaminhada ao Cervin pelo Conselho Tutelar, a pedido da família: *Porque eu estava preso e o juiz determinou (J3). Ele foi preso porque estava roubando e daí foi encaminhado para cá, depois que terminar o tratamento a ficha dele fica limpa (F3). Estava preso e vim por ordem judicial (J4). Estava preso por roubo e o juiz encaminhou para cá ... quando a polícia o prendeu fiquei até aliviada porque não agüentava mais aquele sofrimento (F4).*

Em quatro famílias houve divergências entre as respostas do jovem e seu familiar. J2 e J6 disseram que os familiares pediram a eles que se internassem para tratamento, porém, seus familiares afirmaram ter solicitado auxílio ao Conselho Tutelar, numa atitude repressiva: *Já não agüentava mais tanto sofrimento, quando trouxe o menino e falaram para voltar no outro dia eu falei que a hora de internar era aquela, porque no outro dia já podia ser tarde. É que um dia antes eu perdi a cabeça e ameacei o menino com uma faca ... (chorou) (F2); Minha mãe falou para eu me internar porque usar maconha tudo bem, mas, eu tinha que parar com o crack (J6).*

J1 e J5, também, responderam diferente do familiar. J1 afirmou que o motivo da institucionalização foi porque esteve preso anteriormente e seu familiar declarou que ele estava institucionalizado para tratamento, e o J5 disse que sua institucionalização foi por iniciativa própria, pois gostaria de se tratar e sua mãe relatou que solicitou ajuda ao Conselho Tutelar para institucionalizá-lo: *Estava preso há 09 meses e depois de assistir uma palestra sobre DST e droga, pedi transferência para o Cervin e o juiz deu. ... vim para fugir daquele inferno. ... Aqui aprendi que na vida tem que ter limite (J1). Eu e minha mãe fomos atrás do juiz pedir para me encaminhar até aqui, mas fui eu que quis vir para cá, para me tratar (J5).*

O uso de drogas ilícitas pelos jovens tem como conseqüências prejuízos pessoais, familiares e sociais. O envolvimento destes jovens com a delinquência e, conseqüentemente, com o tráfico e a violência é bastante comum, sendo inevitável sua institucionalização para cumprir medidas sócio-educativas^(9,16-18).

A privação total da liberdade, em um período da vida, foi informada por sete jovens, no entanto apenas quatro famílias contactaram preventivamente o Conselho Tutelar de sua região ou município antes da denúncia policial aos delitos e à prisão em regime fechado. As razões para institucionalização no Cervin, para a maioria dos casos como continuidade à privação total de liberdade, diferem em vários depoimentos de jovens e familiares, parecendo indicar uma tentativa das famílias de mostrar protagonismo frente à situação do jovem.

CONCLUSÃO

O grupo estudado apresentava vários eventos desfavoráveis no ambiente familiar, que podem ter atuado como fator indutor ao uso de drogas de abuso: famílias numerosas e desestruturadas e vários arranjos matrimoniais dos pais no curso de suas vidas, com brigas e separações conjugais, condições sócio-econômicas restritivas; violência intrafamiliar física e psicológica; violência social e convivência do jovem com o crime, pelo menos em seis famílias; baixa escolaridade e desemprego dos responsáveis.

Como um dos fatores protetores, foi apontado o lazer em família, informado, principalmente, como almoço aos domingos, e uma religião familiar definida. No entanto, estes fatores não foram suficientes para que os jovens não utilizassem drogas, pois eles pouco participavam das atividades de lazer e religiosas, visto o baixo nível de diálogo no ambiente familiar. Observou-se que as famílias tinham religião definida, mas não eram praticantes.

As famílias estudadas apresentavam experiências de vida traumáticas e problemas socioeconômicos e, talvez, os jovens não foram capazes de manter uma vida saudável diante destas experiências. Dessa forma, o presente estudo associa o uso de drogas ao ambiente familiar desfavorável.

Contudo, considerando a co-participação da família para a resistência dos jovens às adversidades e o envolvimento de outros familiares com drogas de abuso como fator de risco importante para a iniciação ao uso das drogas, os achados empíricos do presente estudo parecem indicar, não só, os efeitos de fatores parentais de risco nas famílias, mas, uma cultura familiar favorável ao uso de drogas, disseminada entre a família não nuclear e intergeracional. Observou-se que, na maioria dos casos, havia mais de um membro da família envolvido com drogas e considerando o uso da maconha como "normal" e aceitável, diferentemente do uso de *crack*, o que pode ter influenciando o jovem ao seu consumo.

As constatações apresentadas neste estudo permitem afirmar que reconhecer o contexto social no qual o jovem está inserido e que a existência de um conjunto de valores, crenças e práticas familiares constitui o referencial cultural que guia as ações da família, bem como os fatores de risco que permeiam este contexto são passos fundamentais na implantação de programas de intervenção e prevenção ao uso de droga ilícitas, envolvendo modificação de práticas culturais familiares.

REFERÊNCIAS

1. Velho G. Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquias. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1998.
2. Roehrs H, Lenardt MH, Maftum MA. Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. *Esc Anna Nery*. 2008; 12(2):353-7.
3. Arthur MW, Hawkins JD, Pollard JÁ, Catalano RE, Baglioni Jr. AJ. Measuring risk and protective factors for substance use, delinquency, and other adolescent problem behaviors. *Eval Rev*. 2002; 26(6):575-601.
4. Oliveira EB, Bittencourt LP, Carmo AC. A importância da família na prevenção do uso de drogas entre crianças e adolescentes: papel materno. *SMAD Rev Eletr Saúde Mental Álcool Droga*. 2008; 4(2):1-16.
5. Pratta EMM, Santos MA. Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estud Psicol*. 2006;11(3):315-22.
6. Schenker M, Minayo MCS. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2005;10(3):707-17.
7. Alencar DC, Alencar AMPG. O papel da família na adaptação do adolescente diabético. *Rev Rene*. 2009; 10(1):19-28.
8. Marcon SS, Navarro FM, Hayakawa LY, Scardoelli MGC, Waidman MAP. Relações familiares ante os valores e costumes em diferentes etnias. *Rev Rene*. 2008; 9(2):9-19.
9. Assis SG, Avanci JQ, Pesce RP, Deslandes SF. Superação de dificuldades na infância e adolescência: conversando com profissionais de saúde sobre resiliência e promoção da saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq; 2006.
10. Schenker M. Valores familiares e uso abusivo de drogas [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz; 2005.
11. Figlie N, Fontes A, Moraes E, Paya R. Filhos de dependentes químicos com fatores de risco bio-psicossociais: necessitam de um lar especial? *Rev Psiquiatr Clin*. 2004; 31(2):53-62.
12. Bardin L. Análise de conteúdo. 3ª ed. Lisboa: Edições 70; 2004.
13. Hawkins JD, Catalano RF, Miller JY. Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: implications for

- substance abuse prevention. *Psychol Bull.* 1992; 112(1):64-105.
14. Alves R, Kossobudzky LA. Caracterização dos adolescentes internados por álcool e outras drogas na cidade de Curitiba. *Interação Psicol.* 2002; 6(1):65-79.
 15. Sanchez ZVM, Oliveira LG, Nappo SA. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. *Rev Saúde Pública.* 2005; 39(4):599-605.
 16. Maluf TPG. Avaliação de sintomas de depressão e ansiedade em uma amostra de familiares de usuários de drogas que freqüentam grupos de orientação familiar em um serviço assistencial para dependentes químicos [tese]. São Paulo (SP): Universidade Federal São Paulo; 2002.
 17. Noto AR, Baptista MC, Faria ST, Nappo AS, Galduróz JCF, Carlini EA. Droga e saúde na empresa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Cad Saúde Pública.* 2003; 19(1):69-79.
 18. Queiroz S, Scivoletto S, Souza e Silva MM, Strassman PG, Andrade AG, Gattaz WF. Uso de drogas entre estudantes de uma escola de São Paulo. *Rev Psiquiatr Clín.* 2001; 28(4):176-82.

Recebido: 07/12/2010

Aceito: 04/07/2011